

O SENTIDO DO MODERNO NO BRASIL DE JOÃO GUIMARÃES ROSA – VEREDAS DE POLÍTICA E FICÇÃO*

*Heloisa Maria Murgel Starling***

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir as matrizes histórico-políticas de interpretação do Brasil contemporâneo a partir da obra literária *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. O projeto literário de Guimarães Rosa será analisado como uma proposta possível de releitura de um país que ambiciona a todo custo encontrar um caminho próprio de passagem para o moderno.

Um dos traços temáticos mais resistentes da obra de João Guimarães Rosa parece sobreviver no esforço para alcançar a figuração de uma imagem original do Brasil. De fato, e entre tantas outras possibilidades de análise, sua obra também parece guardar a tentativa de identificar um método de ver o país, que pressupõe uma recusa da realidade sustentada pelo peso de uma ausência: a ausência de si, a procura de uma identidade que, se de fato há, está à deriva, provocando, como resultado, uma tensão permanente entre continuidade e ruptura, entre o desejo de ser, a preocupação de simular que é alguém e a dolorosa evidência de uma redução à condição de ninguém.

Visto por essa perspectiva, *Grande sertão: veredas* representa uma espécie de síntese do universo ficcional de Guimarães Rosa, propositalmente direcionado para tentar decifrar imagens do Brasil e torná-las legíveis, enquanto produção de conhecimento, para a história e para a política. Funciona, na prática, análogo a um gigantesco *mapa alegórico* (Bölle, 1995, p. 82-93) do país, essencialmente ambíguo, mergulhado, ao mesmo tempo, na mitologia e na história (Benjamin, 1980), por on-

* Este texto foi originalmente produzido como parte das atividades do projeto "Modernidades Tardias no Brasil", desenvolvido pelo Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais com o apoio da Rockefeller Foundation.

** Universidade Federal de Minas Gerais.

de transitam, superpostos, os sinais constitutivos de uma proposta de releitura intensa de um povo, de uma cultura, de uma nação: o contínuo vaivém entre o moderno e o arcaico; a associação permanente entre civilização e barbárie sugerindo, em cada uma delas, o traço recalcado da outra; a aguda presença de um politeísmo de sabor weberiano, dentro do qual o indivíduo pode assumir livremente deuses e demônios professando os próprios valores, sem subordinar-se às determinações de uma racionalidade controladora e pretensiosa; a persistência de uma *voz de outridade* – voz do outro, voz da diferença – que ainda resiste, malgrado ela mesma e por meio de uma constelação de fragmentos, a qualquer esforço totalizante, compondo as margens de um mundo rigorosamente sem centro.

Nesse sentido, o projeto literário de Guimarães Rosa indica uma outra possibilidade de ruptura, tão profunda quanto a que sua obra introduziu no próprio *corpus* da literatura brasileira, por exemplo, pela via da revitalização da linguagem narrativa ou da presença de grandes conjuntos temáticos de fundo histórico-sociológico ou metafísico. Mas, dessa feita, a ruptura acontece em outro ponto: no modo pelo qual a inextrincabilidade do universo da ficção com o mundo da política vem sendo demonstrada na história da construção da nação e, de maneira especial, por meio do princípio que deve fundá-la – a relação entre o privado e o público, o indivíduo e a comunidade; a definição da essência do poder e da lei.

Como conseqüência, **Grande sertão: veredas** não remete a nenhuma das formas de prática literária do discurso histórico e/ou do discurso político. Em particular, não remete a nenhuma daquelas práticas interessadas em identificar os sinais peculiares de uma paisagem nacional para torná-la imediatamente legível – oferecendo, dessa maneira, substância, ainda que mutante e escorregadia, ao nome Brasil. Dito de outra forma, o livro não corresponde a qualquer das invocações feitas, ao longo do tempo, a uma ação ficcional destinada a *suplementar* (Summer, 1994; Bhabha, 1998), isto é, a preencher de forma consciente e deliberada, o vazio político aberto pela ausência de um ato original de fundação. No caso brasileiro, observa José Murilo de Carvalho (Carvalho, 1994), **O guarani**, de José de Alencar, funciona como exemplo paradigmático desse esforço por simular a origem produzindo, senão um gesto, um lugar fundador na cena imaginária da nacionalidade. Com efeito, por meio do discurso histórico-lendário de Alencar, o Brasil, mais do que uma paisagem pitoresca, encontrou uma identidade nacional meta-histórica (Sussekind, 1990), quase uma essência atemporal e originária, por onde a nação se espraia, plena e nítida, de modo uniforme e retilíneo.

Em Guimarães Rosa, porém, a busca do território invisível e indivisível da nação permanece vazada por brechas, vazios, silêncios – desintegração. Como ele próprio tratou de definir em um de seus livros, *sertão é o sem-lugar que dobra sempre mais para adiante, territórios* (Rosa, 1996, p. 643). Esse sentido que parece não se completar, irremediavelmente provisório, móvel, em constante deambulação, funciona como indicador de um duplo movimento: de um lado, revela a existência de

um espaço especialmente marcado pelo esforço de construção de um gesto primitivo – e, quase profético –, de fundação; de outro lado, aponta para os contornos sempre inquietantes do vazio político, a descoberta de uma espécie de falha na origem indicando a ausência de condições histórico-políticas para mútuo comprometimento entre indivíduos independentes. Não por outra razão, explicava Riobaldo Tatarana, logo no início de sua narrativa, *sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado. E bala é um pedacinho de metal.* (Rosa, 1986, p. 18)

Evidentemente, a constatação desse vazio poderia explicar, ao menos em parte, os obstáculos encontrados pelos brasileiros para seu ingresso na modernidade política. De fato, na ausência de uma cultura fundacional, entendida em seu significado político pleno (Arendt, 1977; Reinhardt, 1997) permanece truncado no país o senso de liberdade, seja no sentido de desenvolver no indivíduo a noção e o gosto da participação pública, seja no de propiciar-lhe o privilégio da ação, garantindo a cada um *o prazer de poder falar, agir, e respirar sem constrangimento* (Tocqueville, 1988, p. 296). Na prática, isso significa dizer que, apesar da unidade política formal ou da demarcação de um espaço homogêneo de compartilhamento de identidade – obtido, por exemplo, por intermédio de raça, língua, religião e território –, continua mutilado na formação nacional brasileira aquilo que o velho Riobaldo costumava chamar *o beco para a liberdade se fazer* (Rosa, 1986, p. 287): o sentido do público, vale dizer, de uma forma de sociabilidade estritamente política por onde se expressa um senso cidadão de participação, sustentado pelo compartilhamento de valores, experiências e destino comum. (Carvalho, 1990; Arendt, 1958)

Mas encontrar esse beco é, invariavelmente, um empreendimento penoso. De fato, o Sertão ilumina-se no instante preciso em que está prestes a precipitar-se na incerteza terrível do vazio, cifrado em fragmentos que atestam indefinidamente sua impossibilidade de se beneficiar do conforto de uma identidade logocêntrica: *Nonada*, repetiu sempre Riobaldo, na tentativa de colocar o vazio em forma de linguagem. Ou, dito de outra maneira, como se desejasse sublinhar, por meio da narrativa, o peso produzido pela condição do desterro, essa inquietante sensação de errância, de desenraizamento e de instabilidade que, de algum modo, parece acompanhar a vida do morador do Sertão. Mas, ao mesmo tempo, como se pretendesse, também, utilizar da desconstrução, do estranhamento, do deslocamento, do choque, para alegorizar, na prosa de ficção brasileira, as possibilidades efetivas de existência de um agir compartilhado – e instalar, no coração desse movimento de construção alegórica, o circuito da diferença constitutiva da nação.

Conseqüentemente, em **Grande sertão: veredas**, o sentido de uma incerteza radical atravessa, de ponta a ponta, os empreendimentos literários de representação do nacional como identidade, tanto quanto o interior de suas matrizes de interpretação histórico-políticas. Nesse percurso, afasta-se, por exemplo, dos esforços literários voltados para a tentativa de erigir uma espécie de contra-tradição de fundo cientificista, disposta a esquadrihar obsessivamente a consciência do país sobre as

razões de uma má formação nacional. Uma contra-tradição que, debruçada sobre as insatisfações e as estratégias malogradas da fundação, procede à negação drástica do passado, insistindo numa reprodução de colorido fortemente real-naturalista da realidade sociopolítica e econômica do Brasil (e de suas regiões) como ponto de ruptura e instalação de novo recomeço – como ocorre com a narrativa de ficção dos anos trinta, por exemplo.

Simultaneamente, a obra de Guimarães Rosa afasta-se, também, dos discursos literários de interpretação da nacionalidade que incidem sobre a metáfora da unidade e da coesão nacional, tanto quanto do processo de homogeneização cultural que lhe oferece endosso ideológico. Nesse sentido, a atualidade das cenas de fundação em **Grande sertão: veredas** contrasta com outras tentativas de retomada contemporânea do mesmo motivo, e isso se deve principalmente a duas razões: por um lado, pela recusa do modelo acrítico de construção da idéia de *brasilidade* – centrado na crença num caráter nacional essencial, recalcado, alternativo e intocável, tal como aparece, por exemplo, na obra de Jorge Amado ou João Ubaldo Ribeiro; por outro lado, pelo esforço deliberado em comentar, distorcer e desconstruir a tentativa de composição desse modelo em sua versão antiépica, decalcada de uma estética crítica, irônica, que joga por terra a idéia de uma nacionalidade em paz consigo mesma, mas persegue, ainda, o sonho profético de representar o nacional como identidade – o caso da coletânea de poemas **Pau-Brasil** de Oswald de Andrade, ou ainda do romance **Macunaíma**, de Mário de Andrade. (Coutinho, 1993; Santiago, 1978)

Da mesma maneira, o projeto literário de Guimarães Rosa também deu as costas ao *take off* desenvolvimentista dos anos 50, tanto quanto aos seus desdobramentos mais contemporâneos que pretendem, às custas do desenraizamento duma tradição e à força de *cortes modernológicos* (Carvalho, 1992) introduzir-nos de uma vez por todas no espetáculo privilegiado do mundo desenvolvido. Nesse caso, **Grande sertão: veredas** indica uma intenção de precisar, desocultar e superar os termos do debate estruturado em torno do dilema de construção da identidade nacional, todas as vezes em que esses termos estiverem organizados pela contraposição de dois centros, duas civilizações, duas visões de mundo.

Provavelmente por conta dessa intenção, em **Grande sertão: veredas**, o projeto literário de Guimarães Rosa combina duas linhas principais de interpretação: na primeira, deixa visível a preocupação de desocultar a raiz autoritária e o caráter fortemente manipulatório embutido na pretensão identitária nacionalística dos anos 50 – sobretudo em seu contexto nacional-desenvolvimentista e democrático populista. Já na segunda linha de interpretação, esse projeto produz um complexo de ramificações e conexões que sustentam e oferecem coerência ao empenho do autor em identificar os riscos de um programa de modernização com características muito contemporâneas: um programa orientado no sentido de racionalizar as condições e as formas de participação política na esfera pública brasileira, com o objetivo de administrar seletivamente o ingresso dos diversos segmentos da sociedade na cidadania,

bem como garantir a valorização da matriz do interesse, vista como estratégica para sustentação desse programa. (Vianna, 1997)

Assim, em **Grande sertão: veredas** foi, sobretudo, o personagem de Zé Bebelo quem se encarregou de manipular abertamente os riscos desse programa modernizador. E, tratou de fazê-lo, primeiro, justificando seu uso estrito em sociedades como a brasileira, marcadas por profundas dificuldades no momento de construção de um caminho próprio de passagem para o moderno e que, por isso mesmo, são economicamente orientadas com o objetivo de assimilarem e incorporarem um modelo de transformações – em particular de natureza tecnológica – paradigmaticamente definido. Apesar disso – ou, mais provavelmente, por isso mesmo – são evidentes, no trecho de **Grande sertão: veredas**, como resultado das pretensões políticas reformistas de Zé Bebelo, pelo menos duas ordens de conseqüências: uma, a de que ocorra nessas sociedades um processo de *modernização sem modernidade* (Koselleck, 1985), isto é, sem a incorporação de seu repertório de valores, princípios e escolhas; a outra, o risco de se tornarem sociedades vazias de humanidade, elevando ao limite o desenvolvimento daquelas formas de *petrificação mecanizada* antevistas por Max Weber (Weber, 1958) na base de constituição do mundo moderno, e deixando-se governar pelos pressupostos de racionalidade e funcionalidade do estado burocrático, da ciência e da técnica.

De fato, ao contrário de Medeiro Vaz, para quem o ato de fundar era um acontecimento destinado a durar para sempre, Zé Bebelo concebeu o gesto de seu antecessor exclusivamente como um pensamento de futuro, vale dizer, na perspectiva de um nacionalismo totalizante preocupado exclusivamente com a ocasião de programar o destino de uma comunidade, fixando-lhe o tempo e moldando-lhe a imagem. Por conseqüência, confirmava Riobaldo, *o passado, para ele, era mesmo passado, não vogava* (Rosa, 1986, p. 72) e essa atitude conscientemente desafiadora e desdenhosa com respeito aos eventos legados pelo tempo reafirma a certeza de que, aos olhos de Zé Bebelo, o Sertão não é outra coisa senão o traço de paisagem passada que se pretende ver concluída. E sobre a qual construiu a matriz de uma concepção eminentemente redentora da política, suscetível, acreditava convicto, se posta em ação, de *transformar aquele sertão inteiro do interior, com benfeitorias, para um bom Governo, para esse ô-Brasil* (Rosa, 1986, p. 388). Era um projeto antigo e acompanhava a vida de Zé Bebelo, talvez desde sempre, como uma espécie de vocação missionária provocada, principalmente, pela repugnância inata que sentia diante da esmagadora multiplicidade do sofrimento impregnando o cotidiano da gente do Sertão.

É bem possível que Zé Bebelo se servisse desse sentimento profundamente íntimo de aversão ao sofrimento para manipulação das aparências, como o produto bem-sucedido de um entendimento teatralizado da ação política; ou, mais provavelmente, para traduzir a novidade de uma mutação, à primeira vista insólita, capaz de transformar um sentimento exclusivamente individual e privado, como a compaixão, em princípio inspirador da ação (Arendt, 1977; Arendt, 1968). Apesar disso,

bem como garantir a valorização da matriz do interesse, vista como estratégica para sustentação desse programa. (Vianna, 1997)

Assim, em **Grande sertão: veredas** foi, sobretudo, o personagem de Zé Bebelo quem se encarregou de manipular abertamente os riscos desse programa modernizador. E, tratou de fazê-lo, primeiro, justificando seu uso estrito em sociedades como a brasileira, marcadas por profundas dificuldades no momento de construção de um caminho próprio de passagem para o moderno e que, por isso mesmo, são economicamente orientadas com o objetivo de assimilarem e incorporarem um modelo de transformações – em particular de natureza tecnológica – paradigmaticamente definido. Apesar disso – ou, mais provavelmente, por isso mesmo – são evidentes, no trecho de **Grande sertão: veredas**, como resultado das pretensões políticas reformistas de Zé Bebelo, pelo menos duas ordens de conseqüências: uma, a de que ocorra nessas sociedades um processo de *modernização sem modernidade* (Koselleck, 1985), isto é, sem a incorporação de seu repertório de valores, princípios e escolhas; a outra, o risco de se tornarem sociedades vazias de humanidade, elevando ao limite o desenvolvimento daquelas formas de *petrificação mecanizada* antevistas por Max Weber (Weber, 1958) na base de constituição do mundo moderno, e deixando-se governar pelos pressupostos de racionalidade e funcionalidade do estado burocrático, da ciência e da técnica.

De fato, ao contrário de Medeiro Vaz, para quem o ato de fundar era um acontecimento destinado a durar para sempre, Zé Bebelo concebeu o gesto de seu antecessor exclusivamente como um pensamento de futuro, vale dizer, na perspectiva de um nacionalismo totalizante preocupado exclusivamente com a ocasião de programar o destino de uma comunidade, fixando-lhe o tempo e moldando-lhe a imagem. Por conseqüência, confirmava Riobaldo, *o passado, para ele, era mesmo passado, não vogava* (Rosa, 1986, p. 72) e essa atitude conscientemente desafiadora e desdenhosa com respeito aos eventos legados pelo tempo reafirma a certeza de que, aos olhos de Zé Bebelo, o Sertão não é outra coisa senão o traço de paisagem passada que se pretende ver concluída. E sobre a qual construiu a matriz de uma concepção eminentemente redentora da política, suscetível, acreditava convicto, se posta em ação, de *transformar aquele sertão inteiro do interior, com benfeitorias, para um bom Governo, para esse ô-Brasil* (Rosa, 1986, p. 388). Era um projeto antigo e acompanhava a vida de Zé Bebelo, talvez desde sempre, como uma espécie de vocação missionária provocada, principalmente, pela repugnância inata que sentia diante da esmagadora multiplicidade do sofrimento impregnando o cotidiano da gente do Sertão.

É bem possível que Zé Bebelo se servisse desse sentimento profundamente íntimo de aversão ao sofrimento para manipulação das aparências, como o produto bem-sucedido de um entendimento teatralizado da ação política; ou, mais provavelmente, para traduzir a novidade de uma mutação, à primeira vista insólita, capaz de transformar um sentimento exclusivamente individual e privado, como a compaixão, em princípio inspirador da ação (Arendt, 1977; Arendt, 1968). Apesar disso,

havia em seu projeto uma guinada radical nos rumos do Sertão, em parte por associar, pela primeira vez na história, a *sina tristezinha do pouco povo* (Rosa, 1986, p. 435) que habitava aquelas terras com a eliminação da pobreza como móvel principal de sua ação e, outro tanto, por tentar converter necessidade e interesse, abundância e bem-estar material, em paradigma para a política.

Para obedecer a esse impulso imperioso de modernização e viabilizar, de uma vez por todas, a experiência política de construção nacional, Zé Bebelo afundou nas estradas do Sertão, conferindo visibilidade e registro ao movimento de centenas de miseráveis que a todo instante atravessavam seu caminho. Ao mesmo tempo, porém, jamais imaginou enxergar neles a prova especular de sua própria identidade; ao contrário, via somente as figuras desumanizadas dos *catrumanos*, uma gente que se equilibrava na periferia do mundo, aquém da história e dos imperativos da civilização. Gente que ele precisava patrioticamente negar para tornar transparente as condições de seu próprio reconhecimento (Rouanet, 1991), desfazendo ou anulando os efeitos igualitários da lei pelo não reconhecimento da legitimidade do outro como seu semelhante (Carvalho, 1987). Não por acaso, lembrava o próprio Riobaldo em sua narrativa, os *catrumanos* pareciam tão solidamente fundados na miséria geral como espíritos na sepultura, impossibilitados seja de morrer ou de viver – e riam *sem motivo justo, só para nos agradar, as tantas grandes bocas, sem quase nenhum dente*, indagando, respeitosa, a Zé Bebelo de onde vinha com tantos guerreiros e pertences: – “Ei, do Brasil, amigo!”. (Rosa, 1986, p. 361)

Construída em torno dessa resposta, a imagem de modernidade, projetada por **Grande sertão: veredas**, produz um efeito de sombra, de natureza fantasmagórica (Marx & Engels, 1976; Benjamin, 1997), destinado a provocar uma *ilusão de possibilidades* e, ao mesmo tempo, uma espécie de *iluminação*, capaz de acrescentar e/ou potencializar o que está sendo suprimido. Assim, por um lado, essa imagem expõe o sentido que a condição moderna assumiu em países como o Brasil, apontando para a existência de um hiato que separa os projetos de modernização, entendidos sempre enquanto uma aspiração a ser realizada no futuro, da realidade e da própria sociedade. Neste cenário, o moderno passa a significar um valor em si, sobrepondo-se, na condição de consenso unificador, a qualquer expressão de singularidade e de diferença, definindo o ritmo e as condições que se deverá imprimir para superar ou ultrapassar os limites desse hiato. Paradigma dessa condição em **Grande sertão: veredas**, Zé Bebelo é o único personagem capaz de expandir ao máximo a dialética construir/destruir, agindo sob a suposição de operar politicamente em uma aceleração temporal contínua na direção de um estágio civilizatório historicamente superior a todos os anteriores; por conseqüência, carrega consigo uma mesma solução – o autoritarismo violento ou paternalista, tão característico dos projetos da modernização brasileira.

Simultaneamente, porém, Guimarães Rosa se encarregou de proceder a uma funda desconstrução do sentido dessa imagem, como quem deseja infiltrar-se,

por intermédio da narrativa, no emaranhado de suas redes significantes, para pontuar e/ou reorganizar seus conteúdos. E, de fato, foi o que fez, não com o objetivo de apresentar como *moderno* um novo programa de reformas, mais ou menos utópico, mais ou menos pragmático – um programa alternativo *de* ou *à* modernidade, se quisermos defini-lo nos termos de Zé Bebelo. Ao contrário, em **Grande sertão: veredas**, o esforço deliberado do autor, no sentido de descamar essa imagem fantasmagórica da modernidade tem, por alvo, abrir espaço a um discurso de outra natureza, estrategicamente minoritário, que se nega a globalizar, a totalizar o pensamento (Ribeiro, 1993). Um discurso que recusa matrizes, voltado para detectar outros – e, quem sabe, novos – significados nos traços diferenciais de uma cultura, no instante mesmo em que começa a desaparecer.

Nessa perspectiva, perscrutar o Sertão de Guimarães Rosa significa confrontar-se com uma zona de passagens, uma superfície-limite instável e incerta, atravessada por imagens que se re-ligam de várias maneiras, despojadas de qualquer figuração de centralidade (Leenhardt, 1986). Da mesma maneira, também significa deparar-se com a estranha singularidade de uma experiência *paramoderna* – uma realidade histórico-política ao mesmo tempo mergulhada na modernidade e emersa dela, conformando uma espécie de *moderno tardio*, zona limítrofe entre o que é tão recente que ainda não foi tocado por nenhuma história, tão deteriorado que não chegou a envelhecer, tão novo que algo nele permanece inconcluso. É onde as relações humanas remetem à precariedade, à intermitência e à reviravolta, território de fronteiras perpetuadas pelo embaraçamento das referências, pela confusão dos registros étnicos e culturais, pela produção de híbridos, pelo entrecruzamento do vivido e da ficção, pela mistura do sagrado e do profano, sem que uma clivagem radical venha a separar qualquer um desses termos. (Gruzinski, 1993; Osborne, 1992; Wolin, 1998)

Nonada, concluiu o narrador de **Grande sertão: veredas**; talvez a única experiência que ainda possa ser ensinada é a realidade de uma tradição perdida logo de início, como uma falha na origem, um gesto inconcluso de fundação, característico dessa terra de experiências extremas, impossível de ser capturada numa definição única, literal, completa, formalmente adequada. Território instável e ambivalente de possibilidades, nem centro nem periferia, mas outra coisa: o lugar comum de um mundo *onde os pastos carecem de fecho* e tudo ainda está por fazer; e, seu avesso, o lugar do desterro, *onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade* (Rosa, 1986, p. 7) e uma grande oportunidade se perdeu irremediavelmente. Para Riobaldo Tatarana, que não pode dizer quando o Sertão terá fim, nem se terá, verdadeiramente, um fim, esta é sua herança e seu consolo: narrar uma história possível sobre um país no fim do mundo que, se já perdeu o tempo de todas as chances, ainda conserva a esperança de encontrar passagens em meio às suas ruínas. Ou, como ele mesmo costumava repetir: *Sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra*. (Rosa, 1986, p. 29)

ABSTRACT

This article intends to discuss the moulds historical-political on interpretation of contemporary Brazil from the literally work **Grande sertão: veredas**, by João Guimarães Rosa. The literally project by João Guimarães Rosa will be analyzed as a possible proposal of re-reading a country that ambitiously and to any price, look for its own way of passage to the modern.

Referências bibliográficas

- ABENSOUR, Miguel. O heroísmo e o enigma do revolucionário. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARENDT, Hannah. *Men in dark times*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.
- ARENDT, Hannah. *On revolution*. New York: Penguin Books, 1977.
- ARENDT, Hannah. *The human condition*. Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BENJAMIN, Walter. *Paris, capitale du XIX^e siècle: le livre des passages*. Paris: Cerf, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. *Disseminação*, p. 198-238.
- BÖLLE, Willi. Grande sertão: cidades. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 82-93, dez./jan./fev. 1995-1996.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. Brasil: nações imaginadas. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 233-268.
- CARVALHO, José Murilo de. Brasileiro: cidadão? *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 275-288.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COUTINHO, Eduardo. *Em busca da terceira margem: ensaios sobre o Grande sertão: veredas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- GRUZINSKI, Serge. Do barroco ao neobarroco; fontes coloniais dos tempos pós-modernos: o caso mexicano. In: CHIAPPINI, Lúcia, AGUIAR, Flávio W. (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 75-98.
- KÖSELLECK, Reinhart. *Future past*. Cambridge: MIT Press, 1985.
- LEENHARDT, Jacques. Le passage comme forme d'expérience. In: WISMANN, Heinz. (Org.). *Walter Benjamin et Paris*. Paris: Cerf, 1986.

- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **L'idéologie allemande**. Paris: Éditions Sociales, 1976.
- OSBORNE, Peter. Modernity is a qualitative, not a chronological category. In: BARKER, F., HULME, P., IVERSON, M. (Orgs.). **Postmodernism and the re-reading of modernity**. Manchester: Manchester University Press, 1992.
- REINHARDT, Mark. Founding democracy: containment, evasion, appropriation. In: **The art of being free: taking liberties with Tocqueville, Marx, and Arendt**. Ithaca: Cornell University Press, 1997. p. 59-89.
- RIBEIRO, Renato Janine. **A última razão dos reis: ensaios sobre filosofia e política**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. O discurso diferente. p. 71-81
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. v. 1. No Uru-buquaquá, no Pinhém. p. 613-802.
- ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SUMMER, Dóris. **Fundational fiction: the national romances of Latin America**. Berkeley: University of California Press, 1994.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **L'ancien régime et la révolution**. Paris: Flammarion, 1988.
- VIANNA, Luiz Werneck. **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- WEBER, Max. **The protestant ethic and the spirit of capitalism**. New York: Charles Scribner's Sons, 1958.
- WOLIN, Richard. **Labirintos**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. Walter Benjamin hoje. p. 91-134.